

Excelentíssimo público presente, acadêmicos, amigos, autoridades:

Hoje a Academia Petropolitana de Letras tem a máxima honra e o orgulho de receber em seu seio o notável escritor pátrio Antônio Torres, para sua posse como nosso confrade. Honra e orgulho não apenas por ele ser membro da Academia Brasileira de Letras, titular da cadeira 23, patronímica de José de Alencar, fundada por Machado de Assis, o motor mais engrenado que iniciou aquela magnífica instituição. Nem por ter sido condecorado pelo governo francês como “Chevalier des Arts et des Lettres” em 1998 pelas traduções de seus romances “Essa terra” e “Um táxi para Viena d’Áustria”. Sequer somente por ter recebido inúmeros outros significativos prêmios literários, como o do romance do ano, em 1986 pelo “Balada da infância perdida”, ou o “Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra”, da ABL, em 2000. Nem ainda pelo fato de ter publicado 17 livros bem recebidos pelo público e pela crítica e que foram traduzidos para vários idiomas, circulando em 18 países diferentes. Nem tão só pela feição humana de alguém nascido nos “cafundós”, como já o vi colocar em entrevista, de uma região agrária com uma população praticamente ágrafa, onde se luta por uma sobrevivência dura, no sertão da Bahia, na cidadezinha de Junco, hoje Sátiro Dias. Nem porque sua capacidade própria, saindo de lá, alcançou centros maiores, primeiro Alagoinhas, onde estudou, depois, bem maior, Salvador, tornando-se repórter do “Jornal da Bahia”, continuando sua trajetória para a cidade ainda maior de São Paulo, aonde veio a ser, aos vinte e poucos anos, publicitário. Não é ainda apenas pelo fato de triunfar, com pouco mais de 30 anos de idade, como escritor, e hoje percorrer várias partes do mundo, levando a imagem de uma Literatura madura e significativa do Brasil. Todos esses dados, é claro, são para a Academia Petropolitana de Petrópolis sentir-se hoje honrada e orgulhosa por incorporá-lo como um de seus membros efetivos. Mas, repito, não é só!

O que mais honra qualquer academia de letras é sua obra literária. E como Literatura, fazer-nos imergir na cultura significativa do país em

que vivemos, do mundo em que estamos, momentos que passamos, evidenciando nossa perplexidade e busca de nós próprios ante o universo.

Para começar, em seu meio de expressão: a língua portuguesa e a forma romanesca de narrativa. Em uma entrevista, mestre Antônio Torres lembra da emoção quando uma escritora portuguesa, Inês Pedrosa, elogiou sua escrita vernácula. Ele sabe que a razão de sua boa colocação linguística tem origem no aprendizado em duas escolas públicas singelas do interior nordestino. Lá, as professoras privilegiavam a leitura, e uma dessas escolas tinha o nome de Anísio Teixeira, que foi Secretário da Educação do governo baiano, na linha posteriormente seguida por Paulo Freire e Darcy Ribeiro, incentivando formas de ensino para o desenvolvimento social. A educação, enfim, vista como a ferramenta indispensável para o progresso da nação, e aí colocado o ensino básico na armação estrutural da leitura como compreensão de tudo que nos cerca, da terra aos céus. A essencialidade de tudo iniciando-se pelo alfabeto e que hoje parece não estar sendo devidamente considerada. Ele se refere a dois momentos, na infância, em que os textos que lhe deram para ler publicamente em dias festivos, causaram efeito numa plateia desconhecadora de Literatura mostrando-se ávida por atingi-la. A primeira foi do “Navio negreiro” de Castro Alves e a segunda pelo início do romance “Iracema” de José de Alencar. Fizeram nascer nele o desejo de também escrever palavras precisas e preciosas que apontassem, diante de todos, caminhos iluminados saídos das páginas dos livros. Ele, do sertão, nunca vira o mar, e muito menos os “verdes mares bravios” do parágrafo inicial do romance “Iracema”, como também desconhecia, ainda do mesmo parágrafo, o que fosse “jandaia” ou “carnaúba”. Palavras mágicas a decifrar e criar interiormente novos mundos! As palavras formam discursos abrangendo situações. No processo criativo de Antônio Torres, a memória de vida vai-se somando aos experimentos formais da construção literária moderna, onde se misturam elementos de

leituras já realizadas com o objeto novelesco que trata em cada livro, abrindo-se sempre novos mundos, sem obrigatoriamente seguir a linearidade temporal, mas a lógica subjetiva dos percursos existenciais.

Num dos primeiros artigos a tratar de seus romances, Hélio Pólvora, no Jornal do Brasil, em 1973, já assinalava esse seu traço: “É desses escritores que têm o que dizer, porque, antes de tudo, tiraram conclusões de uma experiência o moço chega à cidade grande do Sul, atraído por luzes que julgava humanistas, e não tarda a descobrir que ali apenas o espaço é maior. Nele cabem, além de angústias pessoais, o desespero que vem de fora, dos acontecimentos e situações de um mundo só.”

A epígrafe de seu primeiro romance, “Um cão uivando para a lua” (1972) é bem representativa do desencanto implícito em seus textos: “Entre a dor e o nada, escolho a dor”, frase de William Faulkner, que, de certa maneira justifica a eterna busca de compreensão do mundo pela Literatura. O nada conduz a nada, mas a dor nos aponta para o caminho em que pisamos, e aí os seres humanos se tornam visíveis. E já esta citação nos dá também uma de suas preferências literárias. A Literatura norte-americana, aliás, é destacada em sua formação, junto com a brasileira. Assim como o “jazz” inspira-lhe a própria composição de suas frases. Foi fascinado desde menino, pelas letras do alfabeto formando palavras e pelo ritmo das frases delas decorrentes, que lhe veio na vivência musical onipresente no nordeste, e na rádio Nacional carioca que lá chegava em sua infância. Como um poeta que não escreve versos, transpõe-nos para suas sucessões descritivas, seguindo o ritmo de improvisos jazzísticos de um Miles Davis ou Thelonious Monk.

Por todos os fatores já apontados dá para se compreender as razões maiores de honra e orgulho desta Academia receber Torres como membro. Seus livros formam um bem hoje raro, por encontrarmos-nos culturalmente em crise. Consultando o “google”, muita gente pode querer

conhecer os conteúdos dos seus romances, para saber, como se fossem obrigatoriamente romances policiais, qual a trama, qual o suspense e solução final. É este tipo de entretenimento que as pessoas costumam procurar na Literatura, sem saber que ela, em sua representação mais pura, não contém tal objetividade ou respostas, antes produzindo dúvidas que nos abrem a visão para uma reflexão maior do que todos os conhecimentos. No entanto, na educação predominante de hoje, esquecida dos reais objetivos que ele conheceu nas escolas do interior, formam-se pessoas preguiçosas de ler, voltando-as apenas para os ganhos materiais. Procuram-se “best-sellers”, dentro das limitações das modas, cheios de lugares comuns dispensando maiores reflexões, como também agressividades ou sensualidades rasteiras. Livros para prender a atenção do leitor despreparado, e, ainda mais contraditório, os de auto-ajuda, que pretendem ensinar comportamentos para o sucesso aparente ou pseudo-misticismos, deuses de pés de barro das novas sociedades.

Alguns romances de Antônio Torres tocam as memórias autobiográficas, a sua vivência com a família no sertão e as incursões nas cidades do sul. Destes sai uma trilogia escrita ao longo de 20 anos: “Essa terra”, “O cachorro e o lobo” e “Pelo fundo da agulha”. O personagem central, Totonhim, já desde o nome, indica alguma proximidade a um “alter-ego”, apesar das diversidades evidentes. Mas, isto lhe dá uma autenticidade e maior verossimilhança, que nos leva a compreender o mundo aonde transitam os seus livros.

Em uma palestra de 28 de outubro de 2019, a professora Ascensión Rivas Hernández, da Universidade de Salamanca, Espanha, analisando o romance “Essa terra” (que tantos estudos já mereceu mundo afora), aponta seu percurso trágico, criando um efeito catártico. Traduzo a palestrante: “Isto mesmo é o que busca Totonhim, relatando a história de sua família. Com sua escrita pretende contar sua circunstância vital, e ao fazê-lo, desprender-se de toda a pressão familiar que sente e de toda a

culpa que se abate sobre ele, que decidiu fugir da terra que o viu nascer para buscar uma vida melhor. Contar libera, alivia, e esta é a intenção do narrador/personagem de 'Essa terra' ao contar a sua história e de sua família"..... "Antônio Torres fez o mais difícil, o que só conseguem os bons escritores. Foi capaz de contar a enorme complexidade de uns indivíduos de classe social incerta que só querem melhorar seus status" "Por isto sua obra atinge recorrências universais".

Dois de seus romances têm caráter histórico, "Meu querido canibal" e "O nobre sequestrador". O primeiro trata do chefe dos tupinambás no século XVI, Cunhambebe, que combateu os portugueses, aliando-se aos franceses e integrou a Confederação dos Tamoios. Dados que se podem tirar do "google"? Até aí, sim, mas a personalidade construída por Torres do personagem indígena, saído de pesquisas com reflexões atuais e pessoais é que FAZEM o romance! O segundo, "O nobre sequestrador", traz no primeiro capítulo um magnífico parágrafo de seis páginas, tendo por narrador o personagem central do romance, o corsário francês René Duguay-Trouin. Este, em 1711, invadiu com sua esquadra o Rio de Janeiro, exigindo uma enorme quantia em ouro e gado sob pena de destruir a cidade, saindo só após aí passar 50 dias e obter o resgate pedido. O narrador histórico, no entanto, dialoga com o autor moderno como se conhecesse o Brasil de todo tempo posterior ao seu. Num ritmo alucinante as ideias se cruzam, misturando conhecimentos de diversas origens, ironias, piadas, observações de nossa realidade social conflitante. Uma visão mosaica, como algumas obras de Villa-Lobos, ao mesmo tempo com a grandiosidade das florestas, a ternura das serestas e o improvisado dos choros. An-tro-po-fa-gi-ca-men-te, como diria Oswald de Andrade, num hipertexto macunaímico na linha de Mário de Andrade, ou o tropicalismo de letra de Caetano Veloso. Na mais pura li-te-ra-tu-ra. No início do parágrafo seguinte ao das seis páginas, um comentário se encaixa na descrição romanesca e, numa metalinguagem, na própria forma meio picaresca da narrativa: "Ufa! Foi mesmo de tirar o fôlego"

Este ar meio autocrítico com pinceladas de humorismo, bem característico de seu estilo, e que não perde mesmo nos contextos trágicos de purgação, onde entram temas terríveis como o suicídio, revela a personalidade simpática e de bem com a vida do nobre escritor Antônio Torres.

Alguns outros de seus textos têm características mais urbanas, como “Um táxi para Viena d’Áustria” ou “Os homens dos pés redondos”, resultado de três anos vividos em Portugal, urbanismo inclusive presente num ensaio tratando da cidade do Rio de Janeiro de forma absolutamente original, “O centro de nossos desatenções”.

Em todos os seus romances, transcorridos no tempo presente ou passado, no interior agreste ou cidade de população tão grande que isola as pessoas do mesmo modo que o ermo sertão, Torres aponta situações e personagens símbolos de sua própria época. E cito, como arremate final a esta minha saudação, a descrição que faz do pai dos irmãos sertanejos em “Adeus, velho” (1981), romance em que descreve os percursos desses irmãos, como o fez Dostoiévski nos “Irmãos Karamazov” em relação à velha Rússia, ou no cinema Lucchino Visconti em “Rocco e seus irmãos” com relação à Itália do pós-segunda guerra mundial: A descrição do velho pai do romance feita por Antônio Torres serve como um epitáfio: “não tendo sido propriamente um homem, mas sim um monumento, uma era, que começou no século passado e termina no frenesi da televisão em cores”. Tempo e espaço representados no personagem, e tão humanamente que se projetam para toda parte e época.

Esta, a Literatura culturalmente significativa em nossa civilização. Em crise, quando as pessoas confundem todo e qualquer livro com a simples informação ou lazer que se podem tirar numa leitura dinâmica, sem os efes e erres formadores de nossa lógica criativa. E a partir de agora temos este exemplar raro presente em nossa Academia

Petropolitana de Letras, se me permitem a expressão metafórica de um livro na pessoa do autor. Sentimo-nos, sim, muito honrados e orgulhosos com isto. Glória ao escritor Antônio Torres!